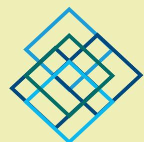
LAUDELINAS

Rosa Morena



VOL. 1 N 3
2021

EXPEDIENTE

LAUDELINAS

VOLUME 1. NÚMERO 3.2021
ISSN 2675-6803
SELO EDITORIAL MIRADA
RECIFE - PERNAMBUCO

EDITORA CHEFE
Taciana Oliveira

CONSELHO EDITORIAL
Argentina Castro
Liliana Ripardo
Taciana Oliveira

DESIGNER EDITORIAL
Rebeca Gadelha

CAPA
Rosa Morena

ILUSTRAÇÕES
Rosa Morena
Sofia Nabuco

FOTOGRAFIAS
Águeda Amaral

ÌNDICE



APRESENTAÇÃO

Você pode me fuzilar com palavras
E me retalhar com seu olhar
Pode me matar com seu ódio
Ainda assim, como ar, vou me levantar

Tradução do poema "Still I Rise", de Maya Angelou

Sim, nós chegamos em 2021 sobrevivendo ao descaso, aos corpos empilhados, as filas nos hospitais. Estamos na linha de frente, somos o alvo "perfeito", mas ainda teimamos em respirar. Nesta edição de Laudelinas ofertamos a insurgência, o afeto e a esperança. Viver na corda bamba é fincar na carne fortaleza. Não se enganem, a jornada é áspera, mas desistir não nos contempla. Não à toa os versos de Violeta Parra em *Gracias a la vida* cantam por nós:

Obrigado à vida, que me tem dado tanto,
Me deu o coração, que abala seus limites
Quando olho o fundo do cérebro humano
Quando olho o bem tão longe do mal
Quando olho o fundo de teus olhos claros

Obrigado à vida, que me tem dado tanto,
Deu-me o riso e me deu o pranto,
Assim eu separo felicidade de quebranto,
Os dois materiais que formam o meu canto,
E o teu canto, que é o mesmo canto,
E o canto de todos, que é meu próprio canto.

Taciana Oliveira



Ilustração por Sofia Nabuco - IG @rabiscofia

ALEATÓRIAS

Constança Guimarães

1
sem tempo para acertar contas com a receita federal
da empresa do marido
que tinha seu nome

2
cem coisas para fazer
sem nenhum minutinho
sem nada para olhar
cerveja
cerveja quente
pras crianças
comida congelada
exausta com culpa

3
sem conversa
no almoço
estrogonofe com milho

contado um a um na ponta do garfo.
arroz é impossível contar
cem japoneses juntos vendo a monalisa
nunca fui a paris
eu ia, antes de me casar
um dia, talvez
antes do meu pai gritar
que era o único jeito
depois ‘de tudo que eu fiz’

4
sol não se mede não se conta
como as gotas que ela tomou todas ontem
calor não se mede
forno ligado o gás se espalhando
as gotas os comprimidos
sem história
sem história nenhuma na vida dela sem pausa
sem café nem vodca
com comida e fome

5
o menino falou muito alto ontem
ela não ouviu.
voltou para casa sem voz. a festa
cem pessoas sozinha
o menino no colo ardia

6
tempo não se mede.
cem dias
sem tempo pra nada.
sem tempo para tomar banho. sem tempo nem pra tomar banho
sem nenhuma gota. a água acabou
cem lágrimas caem em poucos dias

o tempo se conta assim.
os dias se contam como a água se conta - em gotas.
as lágrimas se contam às vezes
os meninos sentados no sofá.

cem reais. sem reais para pagar a conta. o dinheiro acabou.
o emprego sem emprego. sem emprego
sem emprego. no jornal, empregos.
sem vizinhas
cem casas em volta. sem ninguém

a janta.
os meninos sentados no chão perto da televisão.
televisão idiota velha chamuscada.
como será que eles conseguem enxergar o desenho?
sem imagem.
quantos pixels
o tubo velho ainda se esforça.

o menino do desenho grita: *olá papai, trouxe um presente?*

o pai do menino do desenho havia levado um presente.
as crianças dela se entreolham.
sem reais. sem emprego. sem pai em casa
sem água. sem salário
o marido. saiu. faz tempo.
levou o dinheiro na caixa
o celular que era o telefone da casa
o que poderiam ser dias bons.
deixou, apesar, um alívio não identificado
até hoje
e junto a angústia das crianças

cem dias se conta toda hora.
cem dias se conta todo dia.
às vezes se conta com lágrimas.

7
um dia dormi e
ali naquela bifurcação tem cem saídas
leia rápido: melancolia.
melancolia é uma palavra que não tem plural. experimente sentir e contar
não dá. contei cem vezes, repeti. e sozinha ela se repetia, repetia, repetia,
repetia. não teve fim. não me largou
cem degraus
sobe e desce um sem número de vezes.
a escada não conta a vida. tente não cair
a porta de igreja é grande meu véu

tem cem quilômetros
sem fôlego
ou desejo

8
sem ovos
sem leite
sem sabão em pó
sem café
sem pão sem bombril – cem vezes cem e mais uma utilidade!
as panelas sem comida
sem feijão
já tínhamos comido um quilo de sal.
muitos casos mulheres muitas camas
cama sem ninguém por aqui
geladeira com estrados congelados
eu sempre em casa só
sem tempo sem um minutinho
cem quilos.
para a comida das orcas krill
manada matilha alcateia
tento entrar e tento fugir

9
com as crianças com fome em casa
era domingo perguntaram pelo pai

fomos à janela, ver o sol e brincar com as nuvens
tinha muita gente na rua
sem tempo pra pensar
entramos correndo
bala de borracha. porrada. Tiros de verdade
a hélice do helicóptero voa a que velocidade?

ONÇA

um

o pneu da bicicleta
a gente enchia de palha quando furava
palha que também era o recheio
do colchão da cama dos meus pais
que não rangia porque
eles mal se mexiam à noite
às vezes apenas talvez quase nunca porque o pai
não chegava à noite
chegava sem dar bom dia
a mãe não dormida de espera já passava o café
ralo como os cabelos
que prendia sempre acordada
a mãe não fazia nenhum barulho
como a cama em que durmo hoje
quando me mexo o tempo inteiro investigando aquele tempo
ralo como as alegrias

da mãe que sorria pra dentro quando a gente chegava
pra jantar a sopa lembrava aquele tempo seco
minha mãe fazia que não era com ela
que nunca existia antes de mudar dali
sozinha com a gente e a bicicleta
cantando

dois

a mãe saiu com a gente
ninguém de nós sabia pra onde
mas a gente ia grudado
nela que ia grudada em nada era o que
a gente pensava
miúdo calado
seguindo o passo depois
o outro passo fomos
até aonde a mãe conseguiu chegar

a gente não sabia
nem eu nem ninguém soube
a mãe chegou sozinha
onde estamos hoje bem

três

a mãe morreu num dia
qualquer não fosse porque ela morreu seria
um dia qualquer

a gente saía cedo e voltava tarde

todos os dias eram como aquele mas de repente
voltamos cedo
voltamos correndo
na hora em que íamos alguém foi dar um
beijo na mãe dura
abaixada no banco do canto
da cozinha que não tínhamos terminado de fazer
a janela ainda não era janela
o chão ainda era batido
como meu irmão mais velho bateu as mãos na parede sem tinta
com dor
e com as mãos vermelhas mandou que chamássemos o padre
imediatamente ela tinha religião
corremos o padre correu choramos o padre rezou
ela continuava morta
nós sem fome sem frio sem sede
como estávamos bem desde que
ela saiu e a gente saiu com ela de lá

onde ela não existia
de manhã minha mãe foi enterrada sorrindo
à noite entendemos

a mãe já não é
mas sempre
é mãe não há o que fazer a gente se lembra
da sopa do vestido estampa de flor tenho certeza

estopa ou véu na caminhada?
não lembro, era quente e fazia muito sol
tínhamos fome
não temos mais
o que ela mais
gostava do quê?
nunca a gente soube
mas cantava, isso a gente ouvia ela escondida no quintal miúda
moída na voz grande

quatro

Não era mais
preciso nós quatro
ficarmos
no mesmo
(cabia um pouco de nós)
no quarto
da mãe
que não ia mais dormir e acordar ali

a gente foi arrumar
as coisas da mãe
choramos

a gente começou pelo armário
tiramos os vestidos

eram apenas três duas saias duas blusas
como ela podia estar vestida
todo dia com apenas
aquelas roupas no varal procuramos
não havia nada da mãe só a gente
pendurado como saíamos de dia e de noite
a mãe não saía
de noite de dia
ia às vezes ao mercadinho
às vezes à padaria
às vezes ao correio a gente nunca soube
o que ela ia fazer no correio
a gente limpou o armário
colocamos as roupas da mãe e três sapatos num saco
o padre veio buscar

embaixo da cama
uma caixa de papelão
estava escrito polpa de tomate etti
tinha muita coisa lá dentro

cinco

um cordãozinho dourado com uma menina pendurada
uma vela de quando marilsa fez a primeira comunhão
um recorte de jornal de quando o zeca se apresentou na cidade com a banda da escola
a aliança riscada

de que?

uma foto borrada de quando fomos na cidade comprar a bicicleta

dois terços

uma conta barata vermelha que ninguém soube de onde caiu

muitas cartas escritas para meu pai

dizendo onde estávamos como estávamos

com ela seladas

com endereço e tudo

uma redação minha da escola sobre o calor daquela terra que ferve em mim

até hoje

me mexo

a noite e minha cama rangem

sofro depois que entendi minha mãe



Escritora mineira e jornalista, **Constança Guimarães** é autora de *Como se fosse possível medir o tamanho do escuro*, (Urutau, 2020), *Ombros caídos olhando pro Inferno* (Urutau, 2017) e *A sereia da contorno e outras histórias* (Leme, 2017). Tem poemas e contos em revistas como a *Gueto* (especiais *Utopia/Distopia* e *Crianças em Guerra*), *Mirada*, *Germina* e *Torquato*, entre outras.

SOBRE PEIXES

Yvonne Miller

— O que é ela de você?

A menina coloca a caixa de chocolates sobre a mesa do restaurante onde Larissa e eu estamos fechando a tarde com café e bolo, e olha de uma para a outra, curiosa. Ao lado, a irmã gêmea puxa uma cadeira, deixa-se cair nela e acompanha os olhares da outra, visivelmente intrigada. A terceira e mais velha, já adolescente, que se havia adiantado alguns passos, ainda as chama; teriam muitas mesas pra frente, muitos chocolates para vender. Mas chama sem convicção, como quem, antes de pedir, já sabe que pedirá em vão. Ou talvez como quem quer saber como a cena vai continuar. No fim das contas acaba voltando e fica também junto a nossa mesa, a caixinha com os chocolates na mão.

— O que é ela de você? — repete a pequena, fixando agora a Larissa, que estava mastigando um pedaço de brownie e tem que tomar um gole de capuchino para liberar a boca.

— Minha esposa.

Duas cabeças se voltam para mim num perfeito movimento simultâneo e durante alguns momentos sinto-me inspecionada da cabeça aos pés, atravessada por dois pares de olhos castanhos que me examinam em silêncio, antes de voltar-se novamente para Larissa:

— E ela é homem?

Não há ironia na voz dela. Não há maldade. Não há sequer incredulidade. Há simplesmente uma criança com uma pergunta. Do mesmo jeito ela poderia estar perguntando por que os peixes respiram embaixo d’água.

Surpresas frente à pergunta ingênua, ficamos sem jeito. É a irmã mais velha quem recupera a fala primeiro:

— Como assim, menina? Tu é doida? Tu não vê que é uma mulher?! — a repreende. — Bora já! Por acaso vocês acham que a gente tá aqui pra conversar? Peguem seus chocolates!

Antes de seguir as duas irmãs para a próxima mesa, a pequena, ao passar perto de Larissa, olha de novo para ela e pergunta num sussurro:

— Como se chama isso?

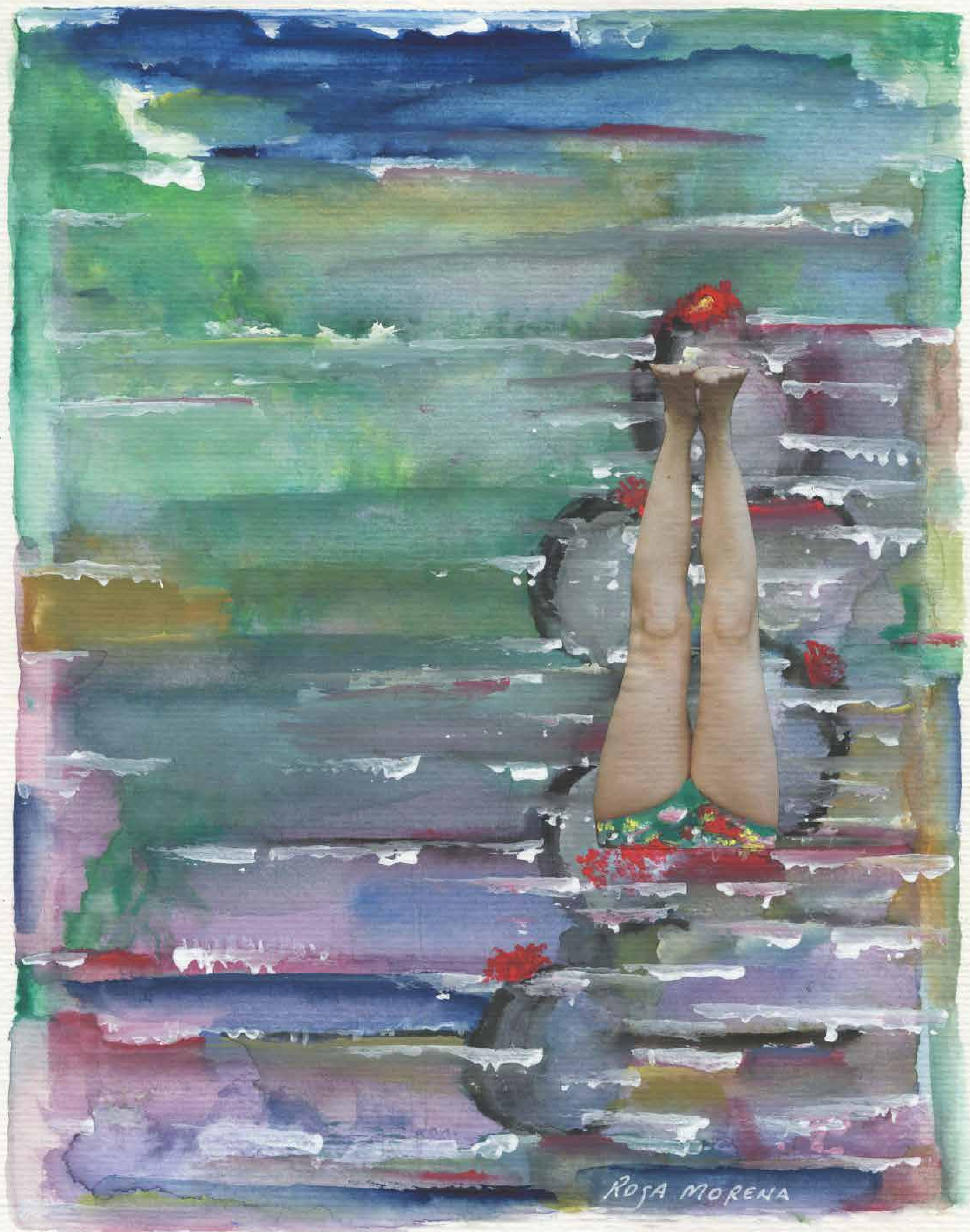
Talvez nesse dia as portas para um mundo de possibilidades não imaginadas tenham se aberto para a menina.

Talvez tenhamos sido só mais uma mesa onde trocou dois chocolates por dois reais.

Talvez crianças que precisam trabalhar nas horas do brincar não possam perder seu tempo refletindo sobre peixes.



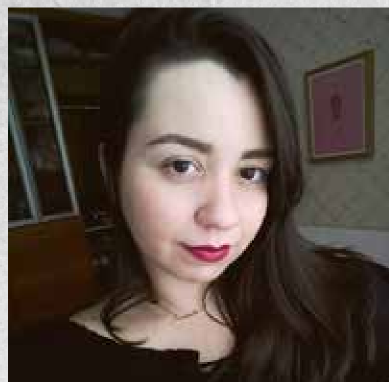
Yvonne Miller nasceu na cidade de Berlim em 1985, mas mora, namora e se demora no Nordeste do Brasil desde 2017. Escreve contos, crônicas e literatura infantil em alemão, espanhol e português. Tem textos publicados em coletâneas, como *Paginário* (Aliás Editora) e *Histórias de uma quarentena* (Expresso Poema Editora). É cronista do coletivo sócio-literário @bora_cronicar e do blog *Escritor Brasileiro*. Além de ficcionista é autora e redatora de livros escolares. Instagram: @yvonnemiller_escritora


ROSA MORENA

BLUE

Amanda Vital

a primeira vez na vida em que eu vi esmalte azul
foi nas unhas da zel: a última namorada de vovô
minhas tias diziam que ela era regateira com sua
blusa de oncinha suas mechas loiras desbotadas
numa piranha e as unhas tão azuis onde já se viu
de fato nunca tinha visto nem na mão nem no pé
e zel pintava sempre da mesma cor: azul-cruzeiro
passava até duas camadas pintava borboletinhas
para ir à feira: uma vez comprou trinta maçãs em
promoção e as tias resmungavam que a geladeira
era pura maçã: vovô não reclamou e comeu todas
com doce de leite geladinho dizia vocês implicam
demais deviam reparar no pé bonito que a zel tem
assim parariam com essas birras: depois que vovô
faleceu nunca mais soube de zel: dela só sobraram
uns cabos de maçãs na quina da janela da cozinha
duas revistinhas da avon socadas no guarda-roupa
e seu nome escrito com bic nas fotos dos esmaltes



Amanda Vital é editora-adjunta da revista Mallarmargens, mestranda em Edição de Texto pela Universidade Nova de Lisboa e estagiária na editora Ponto de Fuga. Autora do livro de poemas *Passagem* (Patuá, 2018). Tem poemas e traduções em revistas, jornais e suplementos literários do Brasil e de Portugal, além de publicações em antologias. Foi uma das curadoras da 4ª edição da coletânea *Carnavalhame* (2020) e participou, junto da revista *Mallarmargens*, da organização dos eventos “9º Raias Poéticas: Afluentes Ibero-Afro-Americanos de Arte e Pensamento” e “Templo D’Escritas – Festa Literária Internacional da Língua Portuguesa”. Organizou e editou antologias através do selo da revista *Mallarmargens*.

JORNADA

Iaranda Barbosa

Sou
a que vende calcinha na feira
a da carrocinha de milho
a catadora de lixo
a tia da limpeza
a velha dos gatos
a doida do pão
a puta da rua
a sapatão

Vivo embrenhada
nos afazeres domésticos
nas estatísticas
nas ruas desertas
nas filas
no fim das festas

Sinto
a ausência de um ‘bom dia’
o sol sobre a pele
a poeira acinzentando os pés

o barbeador cortando
a cabeça do pelo encravado

Não frequento
as fantasias eróticas
os concursos de beleza
os bailes de formatura
a inspiração dos poetas
as noites de autógrafo

Mostro
a roupa desbotada
as manchas nas axilas
um corpo que não é falado
as espinhas
as estrias
o cabelo estigmatizado

Me perguntam
como eu cheguei
até aqui.
Eu não cheguei.
Eu fui trazida.



Iaranda Barbosa, formada em Letras Português-Espanhol, pela UFPE, possui mestrado e doutorado em Teoria da Literatura pela mesma instituição. *Salomé* (Selo Mirada), novela histórica é sua primeira obra ficcional longa. A autora possui contos em antologias e revistas de arte, assim como diversos artigos científicos publicados em periódicos especializados em crítica literária.


Rosa Morena





GLOSANDO BOCAGE:
DAS NOITES VAZIAS A NOBREZA É ESTA

Jessica Ziegler de Andrade

Apertando dela os mamilos,
A furto lhe perguntam: “De mim gosta?”
Cala-se mulher, não há resposta
Melhor que a farsa dos teus gemidos!

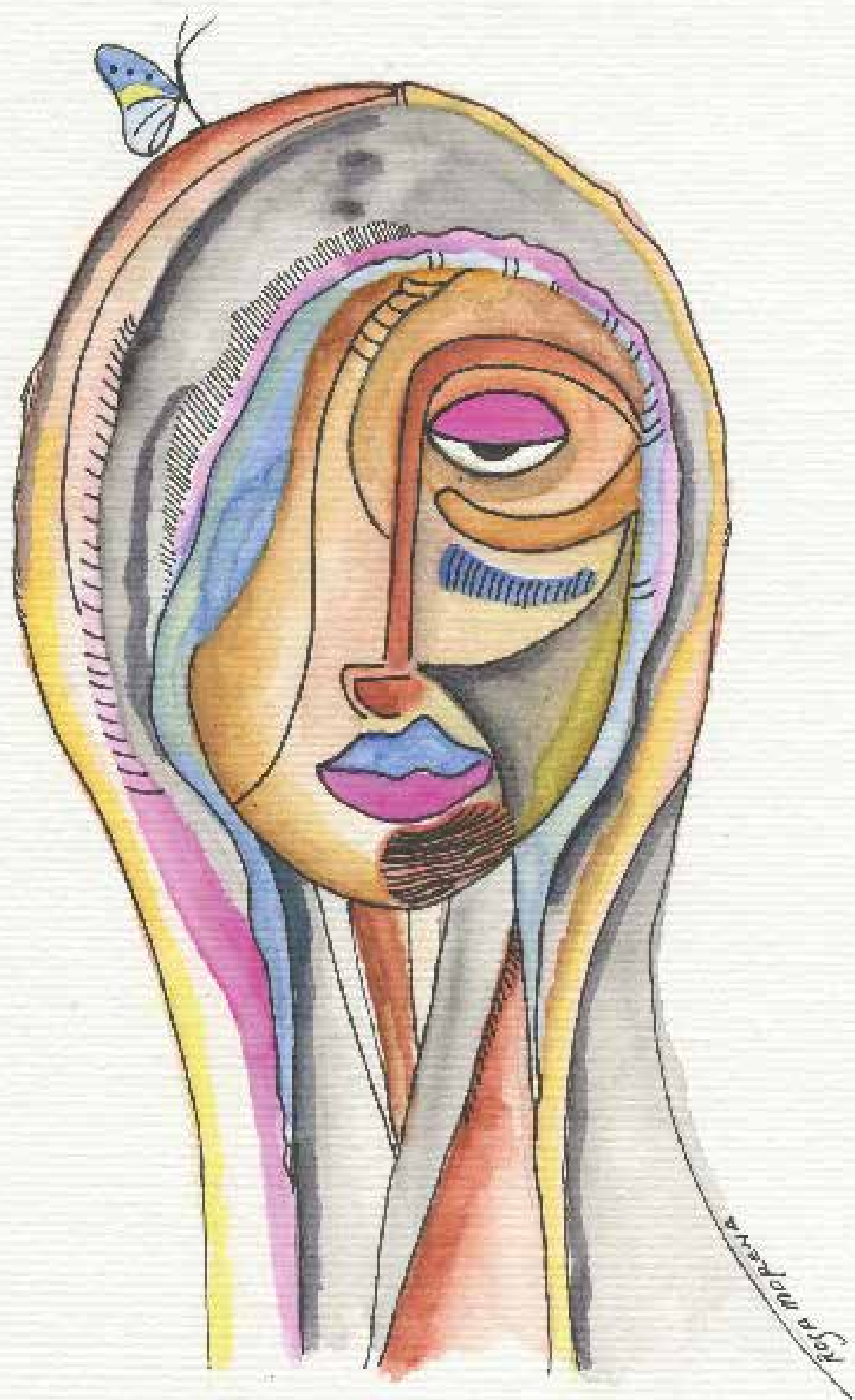
“Que é isso?” grita o sono. “Senhor, é medo”,
Lhe responde com voz trêmula e rouca:
Reduzem-na ao frágil lugar de louca
O útero escuro, é túmulo; segredo:

Calai-vos (lhes gritei) machos funestos!
Os anjos sem sexo tocando trombetas,
cospem na cova por tais incestos!

Sou pobre! Sou puta! Nada aqui presta!
Mulher, e por Mulher gozar protestos,
Das noites vazias a nobreza é esta.



Jessica Ziegler de Andrade é poeta, escritora e advogada. Graduou-se em Direito pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Sua primeira publicação foi aos 13 anos, com redação premiada e publicada pela Biblioteca Nacional e Folha Dirigida. Recentemente participou das antologias: *Prêmio literário Livraria Asabeça*, Scortecci 2019; *Poesia Libertadora Prêmio Absurtos de Poesia*; *Palavra de Mulher Poesias*, *Instituto Memória; Antologia Ruína*s, Patuá; *Porque Somos Mulheres*, Ser MulherArte 2020. Escreveu sobre Clarice Lispector para a Revista *Mulheres em Letras* n.16, 2020 (Grupo de pesquisa de literatura de autoria feminina da UFMG). É colunista no site *Fala Frida* e compõe a equipe da Revista *Mallarmargens*. Compartilha um pouco de sua escrita e declamações no instagram: @jzpoesia


Rosa moreira

FEMININO PLURAL

Márcia Sandy

Por que não fizestes de nós
Mulheres simples
De longos cabelos
Olhar manso
E muitos filhos?

Por que não nos destes
Chinelos de dedo
Três vestidos de chita
E apenas um
De ir à missa?

Mas nos destes complexidade

Viveremos, pois,
De amores
Penetrando nossos corpos
Remetendo-nos sempre sós
À nossa alma
Feminina



Márcia Sandy é formada em Letras com especialização em Tradução e Cinema. Foi professora e hoje trabalha em Operações Técnicas de Cinema. Nasceu em São Paulo, SP. Mudou-se para Minas Gerais ainda criança e retornou a São Paulo, onde vive. Publicou seu primeiro livro, *Herança*, pela editora de Massao Ohno. *Helenas*, é uma publicação da Editora Com -Arte.





RESENHA DE EVA-PROTO-POETA

Cinthia Kriemler

Eva-proto-poeta, livro da mineira Adriane Garcia, foi lançado pela Editora Caos & Letras no segundo semestre de 2020. E essa é a única informação formal que me cabe dar sobre a obra. Mas é preciso dizer muito mais sobre *Eva-proto-poeta*. Que é um livro único. Que é a comprovação de que a trajetória da poeta Adriane Garcia é uma realidade alicerçada na maturidade. Recentemente, o poeta Salgado Maranhão, comentando em uma postagem do Facebook, disse que, muitas vezes, para o/a poeta, encontrar uma voz só sua é "uma busca de vida inteira". Faz tempo que a poesia de Adriane Garcia já encontrou essa voz. Privilégio raro. Voz em versos que não gritam. Mas que reverberam. Voz que cala fundo por meio de poemas que convidam a inúmeras releituras.

Os livros da poeta, sempre temáticos, têm em comum a defesa da liberdade em sua total amplitude. Liberdade das minorias — em especial das mulheres. Do corpo. Das ideias. Dos credos e dos não credos. Dos povos. Livros que falam de justiça, e não de legalidade. De direito natural, e não de direito jurídico. Liberdade de ser e de expressar as urgências do seu tempo, de resgatar os erros históricos que ainda se perpetuam, de acolher em versos e estrofes as dores do coletivo. Não poderia ser diferente com esse novo livro.

Eva-proto-poeta me foi apresentado pela Adriane há dois anos, sob a forma de um livreto grampeado. De início, me chamaram a atenção a temática e o viés da abordagem: a Gênese redimensio-

nada a partir de uma ótica feminista. Li de uma vez. Depois, reli. No entanto, só agora, com o livro publicado, é que pude absorver a extensão da profundidade dessa obra que faz uma desconstrução magistral dos mitos bíblicos de manipulação e de dominação feminina. A constatação das percepções de outras pessoas sobre o livro só tem confirmado as minhas próprias impressões.

Com um humor ácido, ironias subliminares e uma inteligência imbatível, Adriane escreveu os poemas curtos — e imensos — de *Eva-proto-poeta*. Não bastasse o impacto da reflexão, o livro chama a atenção também pelo contraste da forma, associando personagens bíblicos e linguagem contemporânea. Como neste poema que fala do desdém de Lilith por seu próprio banimento eterno: *“Montada em cérebro / Suportando maldições / Lilith manda avisar / Que não volta / Nem fodendo”*.

Em estrofes mínimas — quando não em uma só estrofe — tudo é questionado e exposto. O desmascaramento das inúmeras facetas de Adão, o primeiro animal racional macho criado por Deus. O bajulador: “Adão tem um inexplicável

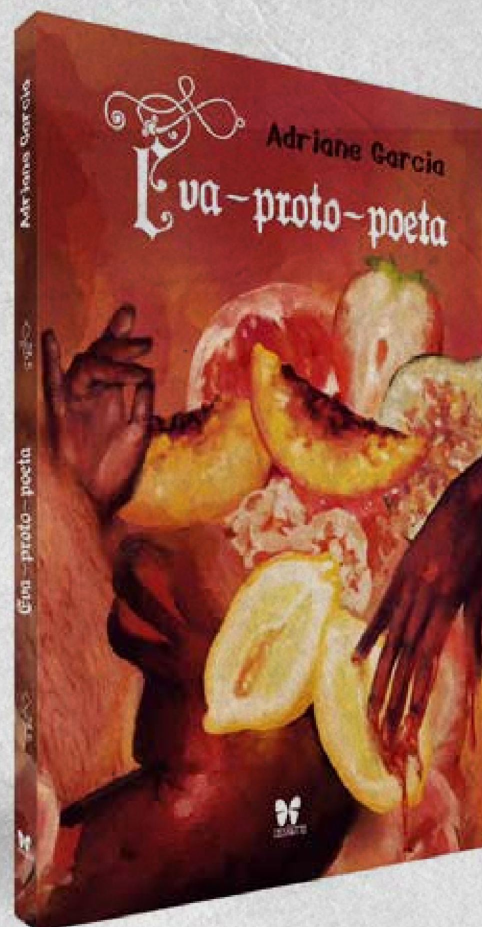


Imagem: divulgação/ Editora Caos e Letras

complexo de Édipo”. O covarde: *“Adão se deleita / E depois nega / Bota a culpa em Eva”*. O incômodo: *“O paraíso/ É quando Adão/ Está dormindo.”*

A revelação de um Deus voyeur, esparramando armadilhas pelo Paraíso: *“Depois/ Atrás da moita/ Aquele prazer/ De espiar as quedas”*. De um Deus controlador: *“O Deus-Coronel da propriedade / Privada.”*

O outro lado da maternidade, delegada a Eva como destino divino: *“Eva*



Imagem: acervo da autora

teve sim/ Filhos/ Filhas/ E depressão pós-parto". A cumplicidade entre Eva e Lilith: *"Eva observa Adão/ Lilith tinha toda a razão"*. O resultado da afinidade indesejada entre Eva e Lilith, no poema genial que encerra o livro (e que não reproduzo aqui para não roubar às leitoras e aos leitores esse prazer).

Releio ainda mais uma vez *Eva-proto-poeta*, buscando outras impressões. Sei que será assim a cada vez que beber dos poemas desse livro marcante. E me pergunto como é possível uma obra já nascer assim, tão revolucionária. Enfim, a palavra que eu queria dizer: revolucionária. Porque eu não creio que haja mulher ou homem que leia esse livro sem se questionar, sem se incomodar, sem refletir. Essa é a chancela de *Eva-proto-poeta*. Um livro que aponta para tudo o que nos foi roubado, a nós mulheres, por meio da manipulação que sempre nos pretendeu submissas. Um livro que nos deixa uma pergunta: Como seria a

Humanidade se tudo tivesse sido contado diferente?

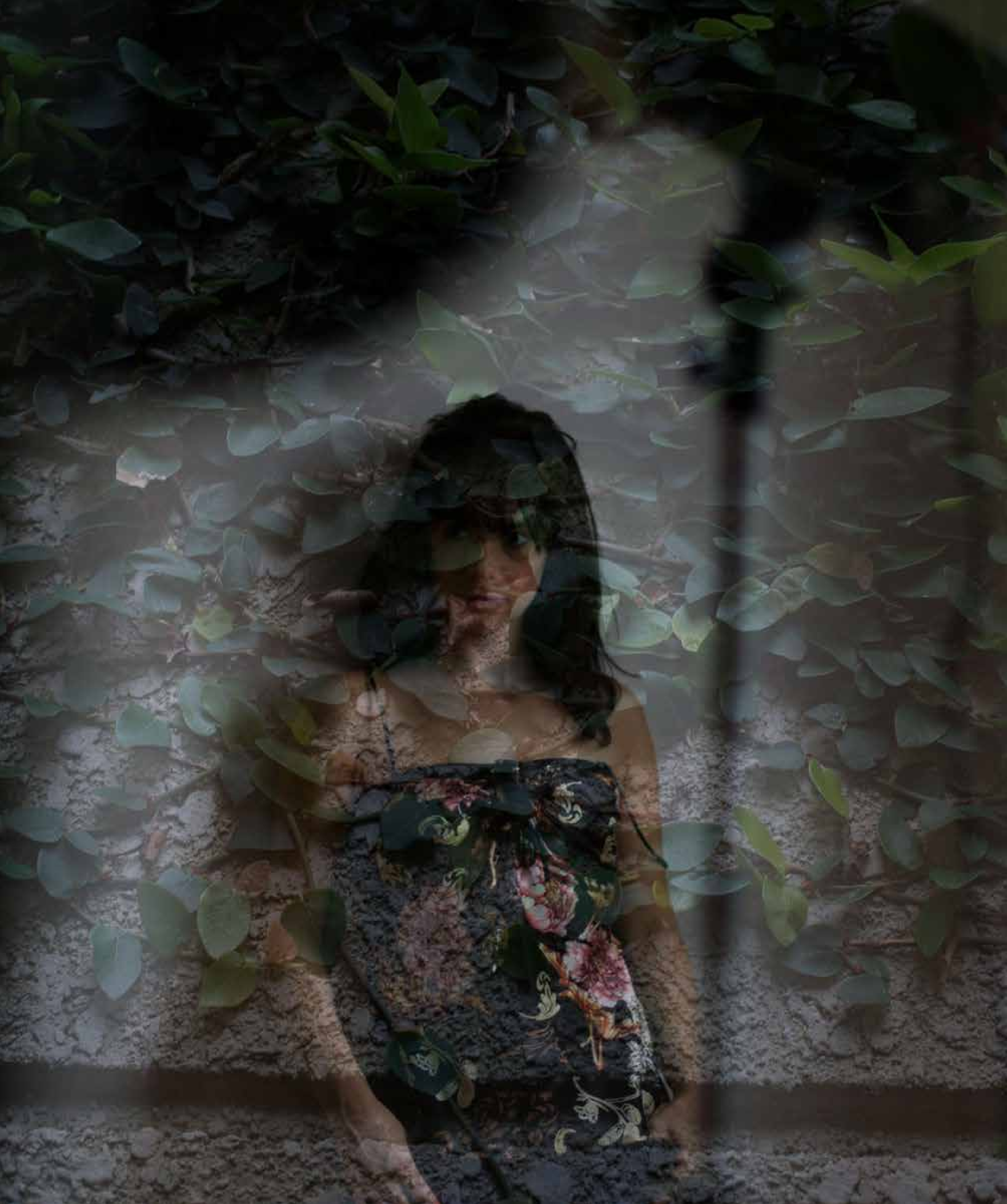
Ainda sobre Adriane Garcia, essa poeta elegante e destemida, mais um comentário que não posso deixar de fazer. Ela não apenas leu e pesquisou sobre a Bíblia para escrever essa obra tão consistente. Ela foi além. Desnudou metáforas e mitos intocados. Não à toa eu penso em *Eva-proto-poeta* como sendo um livro de inquietações. E isso me é muito bem-vindo. Só não posso dizer que é a melhor obra da poeta, porque ela sempre acaba me surpreendendo novamente, a cada livro que escreve. Mas posso dizer que é um livro gigante. Imperdível.



Adriane Garcia, poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou Fábulas para adulto perder o sono (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), O nome do mundo (ed. Armazém da Cultura, 2014), Só, com peixes (ed. Confraria do Vento, 2015), Embrulhado para viagem (col. Leve um Livro, 2016), Garrafas ao mar (ed. Penalux, 2018), Arraial do Curral del Rei – a desmemória dos bois (ed. Conceito Editorial, 2019) e Eva-proto-poeta, ed. Caos & Letras, 2020



Cinthia Kriemler é carioca e mora em Brasília. Autora, pela Editora Patuá, de O sêmen do rinoceronte branco (Contos, 2020). Tudo que morde pede socorro (Romance, 2019); Exercício de leitura de mulheres loucas (Poesia, 2018); Todos os abismos convidam para um mergulho (Romance, 2017) – finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2018; Na escuridão não existe cor-de-rosa (Contos, 2015) – semifinalista do Prêmio Oceanos 2016; Sob os escombros (Contos, 2014); e Do todo que me cerca (Crônicas, 2012). Organizou a antologia de contos Novena para pecar em paz a convite da Editora Penalux, em 2017. Tem textos e poemas publicados em diversas antologias e em revistas literárias.



(R)EXISTIR

Thamyres Sampaio

quem matou Marielle
quem matou Herzog
quem matou Araceli
quem matou a nossa vontade
com tiros que abafam a voz da liberdade

em meio a este cenário
mais sangue e derramado no asfalto quente
onde só se ouve o som estridente do pente
carregado de odio e preconceito
que estilhaça a alma e perfura meu peito
o peito de um preto

vejo violência, reflexo de uma década perdida
onde doutrinam os mais fortes e deixam os “fracos” sem saída
e usam o militar pra matar sem perdao
lhe ensinando a morrer pela pátria e viver sem razão

e diversas vezes eu ouço da televisão
“é mais um corpo preto no chão”
“é mais um corpo preto no chão”
mas 80 tiros não me calarão

porque minha pele é revestida de prata
e tem o poder de uma mulher preta
que corre em nossas veias sangue de pantera negra

é basta, de toda violência estou farta
farta do que me cega e do que mata
entre escombros me ergo do nada
empoderando a raça fazendo da coragem minha graça

e pra luta eu to armada
com meu pente carregado de palavras
e essa opressão não me cala
entao ja faça suas malas e planeja tua fuga
porque um filho teu nao foge a luta.



Thamyres é estudante e poetisa, uma adolescente com sede de lutar pela igualdade racial, que tem o sonho de mostrar sua poesia e tocar as pessoas através de sua arte, “perdi um ente querido num confronto policial, e desde então luto para que outras vidas negras não sejam perdidas, acredito que a poesia possa mudar vidas e estou disposta a lutar por isso.”



Vitória Andrade

eu não deveria ter medo
de sair à rua
mas são reais os monstros
que ouvimos dos livros infantis

crescemos e permanecemos assustadas
com o pavor de dobrar a esquina
e ser engolida pelo monstro
que anda à solta

e que não tem
medo de ser capturado

pois ele é temido apenas
pela voz que não ouvem



Vitória Andrade é nordestina e escritora cearense. Membra do coletivo Terra Mulher (@terramulher_) e dona da loja Corpo Literário (@corpo.literario). Apaixonada pela língua francesa, defensora dos direitos de um útero e feminista. É uma das autoras da antologia *EU DESVALORIZEI AS PAREDES*- livro publicado, de forma independente, por outros onze escritores. Participa de saraus ao redor da cidade e grita a poesia potente da vida.



PARTICIPARAM DESTA EDIÇÃO

Fotografias



Águeda Amaral, fotógrafa**,** diretora e fundadora da Cabelo Duro Produções. Dirigiu: *Na Cena do Samba - Noel Rosa*, 2010, finalista na premiação da Revista BRAVO, *Apuê*, 2011 (Curta) na AIC - Academia Internacional de Cinema, *Maria Maria*, 2011 (Curta Metragem) – premiado em edital da TV Câmara e Música na Alma, 2013 -2014, sobre a música de rua Cubana, com filmagens em Cuba e São Paulo. É co-produtora do longa, *Hestórias da Psicanálise – Leitores de Freud, Dir. Francisco Capoulade*, 2015, *No Gargalo do Samba, 2017* - lançado na Rede EBC / TV Brasil e em mais 16 países da América Latina Atualmente é co-produtora do documentário *A Descoberta do Mundo*, um filme sobre Clarice Lispector, dirigido por Taciana Oliveira. É produtora executiva da FILAFRO - Filarmônica Afro Brasileira em Espetáculos Nacionais e Internacionais. Site: www.cabeloduroproducoes.com

Ilustrações



Rosa Morena nasceu em Itapipoca (CE). Cursou Pedagogia. Em 2014, foi premiada com o livro *Jaci, a filha da Lua* no Edital Paic, Prosa e Poesia. Em 2015, lançou *Movimentos Intransitivo.* Recebeu Menção Honrosa em dois certames: no XVIII Prêmio Estadual Ideal Clube (2015) e no Prêmio Carlos Drummond de Andrade, Brasília(2017). Em 2018, lançou o livro *Micropoemas* e teve o livro *Pedro, o menino do mar,* selecionado no Edital Mais Paic. Em 2019 recebeu o 1º lugar no XXI Prêmio Ideal Clube de Literatura - Prêmio José Telles e lançou o livro infantil *A menina e a garça*

Editoração

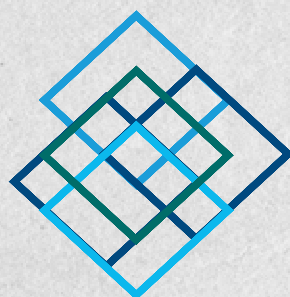


Taciana Oliveira - Editora chefe de Laudelinas, comunicóloga, atua em direção e produção cinematográfica, coordena e publica na plataforma digital Mirada – www.miradajanela.com . Dirigiu "A Descoberta do Mundo", um documentário sobre Clarice Lispector. Tem no prelo Coisa Perdida, livro de poemas.

Design Editorial



Rebeca Gadelha é Otaku, Gamer, Artista Digital e Geógrafa. Tem um fraco por criaturinhas peludas e chá gelado. Participa da Plataforma Mirada como Designer Gráfico e curadora. Atualmente trabalha com edição de vídeo do projeto Literatura & LIBRAS (instagram @literaturalibras), escreve no Medium sob o pseudônimo de Jaded. É autora de *Reminiscências (*Selo Mirada, 2020*)*, livro de memórias. IG: @ohmybecka



MIRADA